

A DUPLA CARREIRA DA

*Mulher Prostituta*¹

¹ Gostaria de agradecer a Aline Bonetti que enquanto bolsista de iniciação científica CNPq colaborou em todas as etapas desta pesquisa

² LAGENEST H D Barruel de (org.) *Lenocinio e Prostituição no Brasil* (estudo sociológico) Rio de Janeiro Agir Editora 1960 p 12

As meretrizes como são chamadas atiram-se facilmente a todas as especies de vicios aos toxicos alcool e a mercadejar seu corpo de qualquer maneira () Quando os exploradores que se dizem seus amantes cansam (as prostitutas) são atiradas a rua sem nada sem dinheiro sem roupa e muitas vezes doentes ainda encontram quem lhes dê mais bebidas ate cairem na calçada Assim achando-se perdidas vão ao suicidio ou procuram vingar se em alguem Muitas começam a roubar terminando na cadeia onde choram e arrependem-se amargamente lembrando-se de seus lares e de suas familias²

Este trecho de um capitulo intitulado A vida real das prostitutas e tipico de 90% da literatura que existe sobre esta categoria O livro de Lagenest que se pauta como um estudo sociologico esta repleto de anedotas sobre as chagas - miseria feridas tuberculose debilidade mental - que esperam a infeliz que escolha este caminho Abre com depoimentos de Terezas e Marias arrependidas por terem se atirado na lama na mais horrivel lama termina com descrições sobre a moribunda que com uma ferida em certo lugar gritava de dores por falta de remedio ou assistência e acabou morrendo na calçada

Sem duvida o leitor de 1996 se sentira superior a este estilo melodramatico reminiscente da era vitoriana Poderia identificar nestas imagens fantasmas masculinos projetados sobre o objeto que os homens mais temiam - a sexualidade feminina Ao pintar o destino infernal das prostitutas castigavam o objeto por ter suscitado tanto desejo Historiadores ja discorreram longamente sobre o vies masculino da historia oficial e sua tendência para

pintar as mulheres em termos estereotipados mulher-fogo mulher-agua mulher-terra³ Vendo os erros dos nossos precursores ficamos com uma sensação de complacência de ter progredido além de tudo isso Mas sera que aprendemos nossa lição?

E indubitavelmente mais fácil escrever sobre nos mesmos do que sobre os outros - e mais confortável (e menos pretensioso) analisar nossos preconceitos sobre a prostituição do que tentar descrever as prostitutas Porém seria um equívoco considerar estes dois objetos como inteiramente separados um do outro A eficácia da autocritica pode ser medida em termos do novo olhar que ela nos abre quanto a realidade alheia Pouco terá adiantado desmascarar o evidente puritanismo que até recente época tem pesado sobre a pesquisa universitária se continuarmos a repetir os mesmos erros Sera que quando abordamos um tema como prostituição não continuamos a privilegiar os lugares de refugio (arquivos policiais hospitais abrigos) povoados por pessoas vencidas e arrependidas que não têm outra alternativa senão enfatizar o fracasso a miséria a infelicidade? Sera que tal os historiadores credulos e testemunhos tolos não nos despistamos com a teatralização de atitudes tomando encenações impostas pelo rigor do controle social e pela rigidez dos rituais por realidade⁴?

⁴ Todas as citações deste parágrafo são de um artigo por Alain Corbin sobre a subjetividade masculina na pesquisa histórica Ver CORBIN Alain *Le Sexe en Deuil et L Histoire des Femmes au XIXe Siecle* In PERROT Michelle op cit p 146

Durante cerca de um ano de 1994 a 1995 andei falando com mulheres que trabalham na prostituição de rua no centro de Porto Alegre Cheguei neste assunto através de uma demanda feita por uma das inumeras ONG s que trabalham com mulheres e cidadania para dar uma assessoria técnica quanto as possíveis maneiras de mobilizar os profissionais do sexo Em pouco tempo tornou-se evidente que antes de dar qualquer conselho seria necessário conhecer melhor o universo alvo de intervenção Parecia muita pretensão querer atacar problemas tais como legislação sindicato repressão policial ou a relação marido/gigolô/AIDS⁵ antes de entender algo da vivência cotidiana dessas mulheres

⁵ Sobre este assunto ver o trabalho apresentado por Alinne Bonetti no VII Salão de Iniciação Científica da UFRGS *Maridos e Clientes de Prostitutas onde esta o verdadeiro perigo de AIDS?* outubro 1995

Este artigo na qualidade de uma primeira reflexão concentra-se portanto numa dimensão cotidiana quase banal da batalha a dupla carreira - família e profissão - da mulher prostituta Esta perspectiva pode lançar luz sobre uma realidade ignorada pelo senso comum ajudando não somente a desgrudar o tema da prostituição do jogo pendular polícia/médico como também a mostrar essas mulheres como membros de redes sociais e universos simbólicos que vão bem além do metiê Trata-se de uma ótica que coloca entre parênteses o problema da contenção de doenças venéreas assim como o da preservação da ordem pública para considerar algo diretamente ligado a qualidade de vida das mulheres

⁶ Fomos amparadas nesta pesquisa por integrantes do GAPA THEMIS (Consultoria Jurídica e Estudos de Gênero) a Política Municipal de Controle de Doenças Sexualmente Transmissíveis e AIDS (Secretaria Municipal de Saúde) e NEP (Núcleo de Estudos da Prostituição) que desenvolvem cada um programas para promover os direitos dos profissionais de sexo em Porto Alegre. Queremos agradecer também a Adriane Boff que enquanto bolsista da FAPERGS colaborou nesta pesquisa de abril a julho de 1995.

⁷ Autobiografias de prostitutas apesar de fornecerem material extremamente rico não foram incluídas nesta primeira análise. Algumas obras que devem ser examinadas num próximo artigo são LEITE Gabriel Silva *Eu Mulher da Vida* Rio de Janeiro Rosa dos Tempos 1992. MELO Sally Gogu de *A História de Sally Gogu* memórias de uma mulher da vida. Lages Pastoral da mulher marginalizada 1994. AMARA Lucia *A Dificil Vida Facit* a prostituta e sua condição 1984.

⁸ RAGO Margareth Os *Prazeres da Noite* prostituição e códigos da sexualidade de feminina em São Paulo (1890-1930) Rio de Janeiro Paz e Terra 1991 p 22.

⁹ Ver por exemplo GASPAR Maria Dulce *Garotas de Programa* prostituição em Copacabana e identidade social Rio de Janeiro Jorge Zahar Editor 1985.

¹⁰ Faço minhas as palavras de Rago em sua crítica a esta escola de pensamento (*op cit* p 22).

¹¹ Quero agradecer ao Núcleo de Estudos da Prostituição (NEP) e em particular a Coordenadora

Nosso objeto de análise foi se construindo ao longo da pesquisa através de contatos com ONGS ⁶ a literatura científica⁷ e as mulheres da batalha

A eterna prostituta

Foi inevitável () buscar abordagens teórico-metodológicas que permitissem dar conta da complexidade do fenômeno da prostituição evidenciando a singularidade do objeto ao mesmo tempo que sua positividade.⁸

São todas iguais e uma expressão que segundo certos pesquisadores⁹ os clientes usam para descrever (ou dispensar a necessidade de descrever) as prostitutas. É uma atitude que não difere muito de pesquisadores que tomando a prostituição como objeto natural invariante trans-histórico imaginam que o mesmo fenômeno poderia ser observado em todas as épocas e sociedades como sugere a expressão a profissão mais antiga do mundo.¹⁰ Não é por acaso contudo que esta atitude é associada em particular aos pesquisadores de gabinete do século XIX pois a impressão de mesmice cai por terra tão logo o pesquisador entra no campo.

Minhas primeiras experiências com o NEP (Núcleo de Estudos da Prostituição) logo me convenceram da heterogeneidade deste universo. Cada semana do mês trazia mulheres de uma zona diferente. Na primeira semana orientada para meninas da Zona 2¹¹ foi praticamente impossível distinguir as profissionais de qualquer estudante universitária. Chegaram em tênis e macacão, abrigos e uma ou outra mini-saia com salto alto - jovens esguias, chiques e sociáveis com pouca maquiagem. Uma veio com seu telefone celular em punho, outra desculpou um leve atraso explicando que seu carro estava no conserto. Num ambiente descontraído e com muitos risos, intercalaram fofocas sobre roupas, namorados e preços no supermercado com assuntos profissionais, a qualidade de diferentes marcas de camisinha, recomendações sobre pomada para assadura de xexeca etc.

Na semana seguinte era a vez das mulheres da praça central. Tudo era diferente: camisetas desbotadas com calça justa ou saia curta, sotaques do interior, dentes descoloridos, corpos mais opulentos. Com uma idade média de quase 40 anos, lembravam as donas-de-casa que eu tinha conhecido durante minhas pesquisas nos bairros populares da cidade. Pareciam intimidadas pelo local (uma sala de reuniões dentro de uma repartição pública). Com a exceção de algumas veteranas mais velhas e volúveis, a maioria participava com reticência da discussão, opinando só quando solicitada diretamente. (Em outra ocasião cheguei a presenciar uma

Tina Tabora Rovira que nos integrou nas atividades desta associação. Já tínhamos feito contato com as mulheres da praça central mas Tina abriu nossos horizontes nos levando para as diferentes zonas incluídas no trabalho dessa ONG.

¹² Na outra semana era a vez de profissionais trabalhando em casa de prostituição boate ou bordel mas estas menos ativas na associação assistiam so episodicamente as reuniões tornando difícil qualquer caracterização de seu grupo.

¹³ Essa discussão bibliográfica não é de forma alguma exaustiva. Existem excelentes teses de mestrado sobre prostituição as quais não tive acesso a tempo para incluir neste rol. Vide por exemplo GUEDES Luciana C C *Sexo com Preço* Tese de Mestrado Antropologia UFPE Recife 1986.

reunião mista em que havia elementos das duas zonas mas a justaposição de grupos apenas tornou as diferenças mais evidentes. O círculo de escrivainhas escolares parecia com uma aldeia bororo organizada em metas: cada mulher que chegava parava na porta observava a cena e colocava-se deliberadamente do lado das suas - sem comentários. Era um espelho da vida lá fora da sociedade de classe brasileira¹².)

Frente a um campo tão complexo muitos pesquisadores querendo aquietar sua perplexidade se engajam em exercícios de classificação lineana separando a prostituição em tipos "alto e baixo meretricio" *maisons closes* e rua prostituição localizada e flutuante organizada e artesanal. Minha primeira reação não foi muito diferente. Tentando construir meu objeto tinha percorrido uma serie de situações: uma casa diurna onde uma duzia de moças algumas em trajes íntimos estouravam pipocas e faziam tricô enquanto esperavam os clientes da tarde hotéis baratos onde o cheiro de linoleo molhado invade os longos corredores que dão para quartos minúsculos a espera das meninas que a partir de meia-noite sobem a escada com seus clientes e a rua que parecia mudar de aspecto a cada hora da noite a cada noite da semana. Querendo botar ordem nas minhas impressões procurei mapear os diferentes tipos de prostituição. Recorri para tanto as pesquisas etnograficas disponiveis e organizei-as numa escala imaginaria entre *call-girls* de luxo e mulheres quase indigentes. Considerando que este exercicio pode ser util como introdução ao assunto resumo seus resultados aqui¹³.

A um extremo do espectro socio-econômico existem as garotas de programa cariocas observadas por Gaspar entre 1979 e 1984. Segundo a autora sua escolha de tema foi inspirada no caso de uma amiga que debutava na profissão. Assim já mostra nativas cujas origens sociais não são tão distantes das dela. Ao seguir os *shows* os momentos de descanso as noitadas e as amizades de suas informantes a pesquisadora nos leva para um mundo onde o que não falta é dinheiro. Rejeitando a figura da prostituta sofrida que so entrou na profissão por coerção ou miseria pinta a imagem de meninas independentes que levam uma vida intensa participando de festas e frequentando lugares que normalmente estariam fora de seu alcance. Com um numero relativamente restrito de programas (algumas delas não chegam a ter mais de nove ou dez programas em toda a vida) organizam carreiras que lembram a prostituição clandestina descrita por Mattos para cariocas da decada de 50.

O nivel dessas moças é variado. Economicamente falando são moças que trabalham em atividades

¹⁴ MATTOS Luiza Alves de
Situacao da Prostituição no
Rio de Janeiro In LAGENEST
H D Barruel de (org)
*Lenocinio e Prostituição no
Brasil (estudo sociologico)*
Rio de Janeiro Agir Editora
1960 p 42

¹⁵ BACELAR Jefferson A
Família da Prostituta Sao
Paulo Ática 1982

¹⁶ MAZZARIOL R M *Mai
Necessario* ensaio sobre o
confinamento da prostitu
ção na cidade de Campi
nas Dissertação de
Mestrado Campinas
Universidade Estadual de
Campinas mimeo 1976

¹⁷ Apesar de existirem desde
o último século debates
acirrados entre abolicionistas
e regulamentistas houve
poucas experiências de
controle a esta profissão As
raras tentativas de
regulamentação incluem o
caso de São Paulo e Rio de
Janeiro (entre 1940 1954) e
este retratado por Mazzariol
Ver também SOAREZ Carlos
Da Necessidade do Bordel
Higienizado tentativas de
controle da prostituição
carioca no século XIX In
VAINFAS Ronaldo(org)
Historia e Sexualidade no Brasil
Rio de Janeiro Graal 1986

¹⁸ No Brasil a prostituição
nao é ilegal Segundo o
Codigo Penal a proibição
legal pesa sobre lenocinio
rufianismo e trafico de
mulheres induzir alguém a
satisfazer a lascivia de
outrem (art 227) induzir ou
atrair alguém a prostituição
facilita la ou impedir que
alguem a abandone
(art 228) manter uma casa
destinada a encontros para
fins libidinosos (art 229) fazer
se sustentar no todo ou em
parte por quem exerce a
prostituição (229) e
promover o trânsito de
prostitutas através de
fronteiras (art 230) Nao ha
lei que proiba uma mulher

honestas para o seu sustento (grande numero de funcio-
narias publicas privadas comerciaras etc) Intelectual-
mente apresentam um certo preparo Não fazem do
meretricio meio de vida de sustento e sim o caminho
para o luxo o conforto e a fama Visam vestir-se bem
possuir joias de valor automoveis apartamentos¹⁴

No extremo oposto da nossa tipologia teriamos as
mulheres destituídas retratadas por Bacelar¹⁵ no centro
antigo de Salvador o bairro do Maciel Como pano de
fundo Bacelar discorre sobre o contexto econômico
desta população majoritariamente negra com pouca
qualificação profissional na época fim-de-milagre (1976-
8) A prostituição nestas circunstâncias seria uma
estratégia de sobrevivência que apesar de reduzir o
desemprego de donas-de-casa mal cobre as despesas
basicas de comida e casa (Para poupar despesas com
hotel as mulheres recebem clientes na peça onde
moram tendo cuidado para afastar filhos e outros
parentes durante a hora do pique) A decadência de
Maciel com seus predios arruinados servia como
metáfora da miséria desses mais explorados entre os
explorados as famílias das prostitutas

Mazzariol¹⁶ na sua pesquisa historico-etnografica
sobre a tentativa de regulamentar a prostituição¹⁷ de
Campinas também fala de um bairro dedicado a
prostituição mas bem menos pobre do que no caso
baiano Com o intuito de retirar os prostibulos das proximi-
dades de residências familiares e abolir o *trottoir* a policia
- apoiada pela imprensa e outros setores da cidade - fez
uma campanha (ilegal) entre o fim dos anos 60 e o inicio
dos anos 70 para deslocar a população de prostitutas
para um bairro longe do centro Taquaral¹⁸ La eram
fichadas pela policia e obrigadas a apresentar de 15 em
15 dias exames medicos embora essa exigência fosse
oficialmente negada pelas autoridades ¹⁹ Na sua
dissertação Mazzariol não somente documenta a
interação entre jornalistas policiais e mulheres como
tambem nos fornece uma descrição detalhada da
composição fases de desenvolvimento e relações
internas (dona prostituta cozinheira guarda freguês) em
diferentes tipos de casas de prostituição Trata-se de um
caso intermediario (entre o carioca e o baiano) onde a
mulher prostituta não se considera vitima e sim que tem
uma profissão diferente ²⁰

Finalmente Freitas a partir de uma pesquisa de
campo realizada entre 1980 e 1982 em que conversa
com prostitutas madames amigos (frequentadores de
bordeis) e policiais realiza um tipo de mapeamento da
prostituição em Belo Horizonte²¹ Seu estudo inclui casas
de massagem serviços de acompanhante bordeis
zonas ²² e a rua Considera elementos de barganha

de trocar seus favores por dinheiro. Para prender prostitutas a polícia faz apelo a legislação contra mendicância vagabunda e solicitação.

¹⁹ MAZZARIOL, *op cit* p 26

²⁰ *Ibid* p 4

²¹ FREITAS R. *Bordel Bordels* negociando identidades Petropolis Rio de Janeiro 1985

²² Grandes hotéis de até 60 quartos alugados por turno de oito horas pelas prostitutas

(quanto tempo quais praticas) em cada um dos contextos (na media quatro programas por mulher por dia na rua contra 20 nas zonas com preços correndo de três a oito dolares) para então pensar dentro de uma orientação interacionista a negociação de identidades.

Mostra como acusações assim como categorias de moral e imoral variam com o ponto de vista. As mulheres de rua se consideram de moralidade superior já que trabalham num lugar frequentado por famílias (a praça publica) e se restringem normalmente a praticas banais (posição mamãe/papai). Para elas as prostitutas de bordel seriam personagens duvidosas já que estas trabalham num ambiente exclusivamente do submundo e aceitam praticas sexuais não-convencionais. As mulheres de bordel por seu turno consideram que sua superioridade moral é atestada pela reputação da casa onde trabalham e pela cafetina que para evitar a repressão policial tem interesse em garantir o bom comportamento de suas inquilinas. Para estas as imorais são as mulheres de rua que sem ponto fixo seriam mais aptas a roubar e fazer bagunça.

Renda Aprox	Localizado*		Flutuante*	Clandestino*
	(Moram no lugar de trabalho)	(Não moram)		
Mais de 1 s m por programa				Garotas de programa (Gaspar)
1/2 s m por programa	Casas de prostituição (Mazzariol)	Casas de massagem boate (Gaspar)	Rua (este artigo)	
1/10 s m por programa		Bordel zona (hotéis de 60 quartos) (Freitas)	Rua (este artigo)	
Menos de 2 s m por mês	Zona (Bacelar)			

Termos retomados de L. Mattos *op cit*

É evidente que estas tentativas de dar ordem a um terreno cuja diversidade nos deixa perplexos são de grande utilidade para análises comparativas. É a partir dos estudos de Freitas, Gaspar, Mazzariol e Bacelar que comecei a me localizar entre as boates, casas de massagem e *trottoir* (ver tabela anexa). Se dependesse de mim, até acrescen-

taria novas categorias para melhor captar as sutilezas da **rua** porto-alegrense - as diferenças entre as meninas com seus 18 anos mal completos que fazem ponto nas ruelas noturnas perto da rodoviária e as coroadas que passam a tarde fofocando na praça central a espera de um eventual cliente - entre as quase-indigentes que dormem nos bancos da praça por medo de perder um **frequês** (e assim sua única chance de comer naquele dia) e as meninas que têm casa própria - carro do ano e telefone celular

Mas será que - por esta procura de sistemas classificatórios cada vez mais sofisticados - vamos dar conta da singularidade do objeto - evocada por Rago na citação acima? A tipologia pode dar falsa segurança. Neste procedimento cientificista - que lembra um naturalista alfinetando borboletas - não acabamos despedaçando nosso objeto inutilmente? Com este esmiuçamento da realidade - temos a impressão de ter captado algo concreto. Mas é possível que tal Jack Estripador - cortemos as prostitutas em pedaços - só para poder preservar nossos fantasmas. Depois de tudo - a totalidade retalhada continua sendo a (eterna?) prostituta - fênix - que se recompõe das cinzas da tipologia pulverizante.

A abordagem interacionista representa um avanço considerável em relação à rotulação vitoriana que criava - para as prostitutas - uma espécie a parte - contaminada e condenada. No lugar de essências - o interacionista coloca **categorias construídas** na trama de relações e conflitos entre indivíduos concretos. No entanto - esta abordagem ainda sofre restrições - pois - apesar de sublinhar que as mulheres têm uma vida além da prostituição - acaba tratando quase exclusivamente de uma só dimensão de suas vidas - os ritos e práticas que circundam a relação profissional e sexual. Raramente são incluídas na análise - considerações sobre suas vidas familiares - suas redes sociais de vizinhança etc. Aprendemos que algumas delas moram no lugar de trabalho - outras se dizem - pelo contrário - como qualquer outra mulher - quando não estão trabalhando. No entanto - não ficamos sabendo o que significa este - como qualquer outra mulher - Festas familiares - aniversários - namoros - filhos - elementos básicos da vivência cotidiana - estão ausentes - da mesma forma que não se fala de onde vêm essas mulheres - ou para onde vão. Sem passado ou futuro - lidamos com a eterna prostituta - apesar de uma aparente multiplicidade de formas - permanece uma variante do eterno feminino. Cadê as pessoas em carne e osso?

A tipologia é um começo - não um fim em si. Ajuda a destacar diferenças - a partir das quais devemos seguir adiante para investigar **as dinâmicas particulares a cada contexto**. Porém - ironicamente - se tivermos êxito neste empreendimento - se conseguirmos captar a especificidade - por

exemplo das prostitutas que passam a tarde na praça central corremos o risco de desconstruir o nosso objeto original. Pois ao situá-las dentro de um determinado modo de vida - o bairro onde moram, suas redes de parentesco, suas preocupações de mãe etc - teremos deslocado a ênfase da profissão para uma dimensão mais englobante da vida social, criando uma nova totalidade heurística. Em outras palavras, para o modo de ser e de se ver destas mulheres a profissão prostituta não ocupa necessariamente um lugar de destaque. A classificação original que coloca as mulheres da praça no mesmo balaio junto com as acompanhantes e massagistas é tão útil (ou inútil) quanto um quadro que aproxima o bicheiro do vendedor na bolsa de ações. Para um antropólogo acostumado a justapor conchas enfileiradas com joias da coroa, qualquer comparação pode ser estimulante desde que sirva para explodir a coerência pacata da unidade de análise e não, como no caso da tipologia, para reforçá-la.

A proposta desta pesquisa evoluiu, portanto, de uma descrição classificatória do campo total de prostituição em Porto Alegre para a compreensão de uma parte deste universo. Elegeu-se como alvo as prostitutas da praça central que costumam batalhar de dia, desde as primeiras horas da tarde até oito ou nove horas da noite. Consegui ensaiar alguns passos nos caminhos extra-profissionais dessas mulheres. Tive acesso a uma festa familiar, fui junto num salão de bingo e aproveitei diversos encontros fortuitos com minhas informantes - no ônibus, na fila do banco - onde pude observá-las desempenhando alguma função familiar (levando a filha, estudante secundarista, para reunião no colégio, inscrevendo o filho para o serviço militar). Porém, não cheguei a frequentar suas casas nos bairros operários onde moram. Afinal, encontrei-me direcionada pelo objeto de pesquisa (um grupo ocupacional) a investir a maioria de esforços no local de trabalho.

A observação participante ocorreu antes de tudo na praça entre mulheres mais velhas (40 anos em média) que - em épocas boas - têm dois ou três programas por dia a R\$15 cada. Têm tempo para contar suas histórias e têm estórias para contar. Depois de um preâmbulo, Fervei quando era *guria*²³ segue invariavelmente uma lista de pecados: bebida, drogas, cadeia, amantes, dinheiro. Mas as histórias desembocam sempre no mesmo lugar: agora levam vidas pacatas de trabalhadora, mãe e esposa. Entre setembro de 1994 e outubro de 1995, junto a assistente de pesquisa Alinne Bonetti, fiz um pouco mais de 40 incursões na praça onde conheci cerca de 38 mulheres²³. Voltei repetidas vezes para falar com as mesmas pessoas, passando horas aparentemente sem objetivo particular e sem pressa, acompanhando-as na sua eterna

²³ Ao todo trabalhamos com mais de 60 mulheres, sendo 38 da praça central. Oportunamente para comparação usarei dados sobre as 22 mulheres dos outros pontos.

(e discreta) espera por fregueses. Como na guerra militar 95% da batalha consiste em espera e deste tempo - num ambiente de sociabilidade feminina governada por um determinado estilo de vida/gosto de classe - que participei

Uma forma de sociabilidade feminina

²⁴ Todas as mulheres usam nome de artista (ou de guerra)

"Lurdes²⁴ é uma mulher alta de 43 anos (ninguém parece esconder a idade aqui) cabelo comprido puxado para trás. Sua roupa é simples indistinguível da maioria dos transeuntes circulando pelo centro da cidade. Insiste que não tem problema em conversar conosco porque não está na praça hoje para fazer dinheiro. Veio mais para conversar com suas amigas. No entanto fica de olho nos 'velhos' que passam. E quando Denise vem nos dizer 'oi' as duas ficam comentando os homens 'parados' na outra ala como clientes potenciais" (Diário de campo 11/11/94)

Já morava em Porto Alegre há mais de 15 anos transitando sempre por essa praça e nunca tinha percebido a quantidade de prostitutas que ali passam suas tardes. A população é flutuante mas em dias bonitos nunca há menos de 30 a 40 mulheres espalhadas pelos bancos povoando os diversos sub-territórios demarcados - entre árvores, praça infantil e banheiro público - pelas calçadas que atravessam a praça. Provavelmente não tinha visto por causa da fauna variada que a praça abriga. Na calçada central ficam os artesãos vendendo bijuteria, produtos de couro e saias hindus. Numa das beiradas da praça, nos inúmeros bancos frente ao calçadão, sentam os aposentados. Lá intercalados aos michês, passam horas especialmente no final da tarde olhando para o espetáculo da rua. A alguns passos adiante virando a esquina ao lado da banca de revistas encontra-se um bolo de homens em geral mais velhos jogando xadrez. Do lado oposto da praça dois prédios públicos - o Museu de Arte e o Correio - assim como o banco do estado atraem um volume enorme de clientes mas poucos destes param na praça. Nas duas alas externas, perpendiculares à rua comercial engraxates - principalmente negros - carregam seus 40 a 50 anos com sobriedade. Lustrando sapatos ou metendo-se nos jogos de xadrez. Finalmente há os vendedores ambulantes que erram incansavelmente pela calçada se dirigindo aos membros dessa pequena comunidade para promover seus produtos: suco de manga, café, cachaça, caipirinha, xampu, perfume.

Navegando entre tantas e tão variadas figuras não é surpreendente que eu não tivesse reparado as prostitutas. Ainda mais porque a maioria delas não correspondia à imagem convencional da profissional de

sexo Com raras exceções elas usavam roupa simples muito semelhante ao estilo usado pelas donas-de-casa que eu pesquisara nos morros porto-alegrenses Não eram jovens aparentemente muitas usavam tinta no cabelo mas não exageravam na maquiagem Antes de tudo passavam seu tempo em círculos de comadres onde sentadas ou em pé participavam de animadas conversas

Apresentava-me nesta fase pre-inicial como pesquisadora da faculdade estudando as diferentes atividades que ocorriam na praça Aracy uma senhora de longos cabelos morenos usando saia preta cumprida e uma camisa branca de gola alta e nozinho logo aceitou falar comigo Não hesitou em dar sua idade (47 anos) e passou a maior parte do tempo falando dos dois filhos já grandes (um segundo ela camelô o outro aluno de supletivo de primeiro grau) me dando receitas para embelezar pele e cabelo e oferecendo a venda roupa e livros que garantia ter guardados na sua casa Vim embora convencida que Aracy era daquelas senhoras que se entediando em casa gostavam de imiscuir-se na sociabilidade da praça Nada mais Porém na próxima visita contente em encontrar este rosto familiar de novo no mesmo banco fui logo lhe apresentar minha assistente de pesquisa Alinne Começamos como na primeira vez com fofocas e banalidades mas depois de dez minutos ela não se continha mais Colocou que achava muito legal este tipo de pesquisa que algumas das outras *gurias* não gostavam mas ela sempre cooperava como no ano passado quando eu *batahava* na frente do mercado e vieram estudantes da PUC nos entrevistar

Lembro dos debates - e não e e não e - que Alinne e eu travávamos tentando separar as prostitutas das donas-de-casa que estavam lá apenas para passar o tempo Viemos em pouco tempo a reconhecer que não havia duas populações femininas na praça Enquanto os michês se camuflavam entre engraxates artesãos e aposentados virtualmente todas as mulheres ali sentadas ou paradas eram de uma forma ou outra ligadas ao mundo da prostituição

Admiro-me hoje da minha ingenuidade inicial mas o ambiente despistava destoava demais dos estereótipos do senso comum Naquelas primeiras tardes ensolaradas em que saía a campo sempre achava em algum canto três ou quatro senhoras tagarelando enquanto beliscavam sanduiches - matronas fazendo um piquenique no parque Em outro canto lá estaria Dona Amelia a decana da Praça que com uma fragilidade pudica digna de seus 72 anos esperava fregueses Perto da estatua central haveria alguma jovem mostrando seu recém-nascido para duas ou três outras obviamente conhecidas de longa data

Era um território de intensa sociabilidade feminina e muitas vezes familiar. Os filhos e netos eram um tema comum de conversa - fosse para queixar-se de um ingrato ou gabar-se de um bem-sucedido. O filho de uma já tinha negócio próprio enquanto camelô, o filho de outra tinha sido preso, uma filha tinha brigado com o marido e largado sua progenitura com a mãe (minha interlocutora). Outra era uma aluna ideal, com seus 15 anos já entrava no segundo grau. Informações sobre estes assuntos jorravam aparentemente sem censura. Em certos casos a informação era ilustrada por fotos ou acrescentada da frase: "Fulana aí já conhece meu filho". Pergunte para ela se não é assim. Alias, neste grupo apresentar os filhos parece ser um dos ritos de pertencimento. Lembro-me de certa manhã quando, ao sair de uma repartição pública (do outro lado da cidade) ouvi alguém me interpelando: "Era Cigana. Tinha acompanhado seu filho de criação (18 anos) para alistar-se no exército e estourava de orgulho ao me apresentar o rapaz".

Marlene sempre insistia que sua nora parecia com Alinne. Um dia me alertou: "Fique aqui porque daqui um pouco ela vai passar. Prometeu trazer meu netinho para me visitar hoje. Uma hora mais tarde Alinne e eu a avistamos num bolo de gente cacarejando maternalmente em cima de três crianças. Aproximamo-nos e assim conhecemos nora e neto. Um dos integrantes do grupo era o marido de Giovana, outra *guria* da praça. Abrindo a bolsa enorme que ele carregava, me mostrou uma churrasqueira portátil explicando que queria aproveitar o fim da tarde para vender espetinhos. Junto a ele havia um casal de filhos pequenos. Os dois grupos familiares se aproximaram para as crianças brincarem juntas - o gesto espontâneo de pessoas que se conhecem como membros da mesma comunidade.

Certos dias a praça parecia mais uma sala de visitas (o espaço público domesticado pela presença feminina) do que outra coisa. Não sem frequência uma das regulares da praça nos apresentaria sua interlocutora frisando que: "Ela não está aqui para batalhar. So veio para matar saudades da gente". Era o caso por exemplo de Lurdes que tinha arrumado um velho e agora vivia enclausurada no seu JK. Era o caso de Verdiana que tinha suspenso suas atividades profissionais para curtir a visita de sua filha (com cinco anos de idade) vinda em férias do interior. Passaram na praça só para as *gurias* conhecerem minha filha. Era também o caso de Linda que voltando de um cruzeiro onde foi acompanhar seu *velho* veio logo para a praça mostrar as fotos dela em Miami. Gabou-se de seus talentos de muamberra dizendo que conseguiu vender tão bem as camisas de seda compradas na Florida que com o lucro pagou

os presentes de toda a família - sobrinhos e netos Linda com seus 52 anos e uma que diz não batalhar mais Já criei todos meus filhos Agora não preciso mais E com seu cabelo curtinho e olhos vestindo trajes coloridos dos States (*blazer* calça de abrigo tênis) mais parece uma avo faceira do que outra coisa Contudo naquela semana voltou três dias seguidos tomando cerveja com seus antigos conhecidos ate 10 horas da noite

A praça em muitos aspectos tem o carater de um pequeno bairro caracterizado não pela harmonia idílica mas sim por um intenso interconhecimento Ha agressões brigas tensões Quando de madrugada cansaço e alcool ultrapassam os limites toleraveis ha *gurias* que aproveitam o descuidado de uma colega para passar a mão em sua bolsa Outras depois de um periodo sem movimento esquecem a etica da profissão e agem descaradamente para tirar os fregueses de suas colegas Mas na rotina do dia-a-dia e impossivel ou no minimo sem graça viver sem ser integrado na turma

Quando o recém-nascido de Margarita foi hospitalizado duas colegas da praça logo se organizaram para se revezar no hospital Quando Juliana foi largada por seu cara Giovana lhe deu um lugar onde dormir Em troca Juliana cuidou de seus filhos As trocas vêm na forma de serviços abrigo e pequenos apoios morais Eu estava junto ao grupo quando Cheiene soube da morte de seu irmão Todas estavam a par do caso Cheiene tinha comprado uma cama d agua para ele na semana anterior e esperava ansiosa noticias do hospital Sua mãe trouxe finalmente a noticia junto a um pedido de 150 reais para pagar o caixão Ninguem da praça ofereceu para ajudar Cheiene com as despesas mas Diva logo falou que acompanharia sua amiga ao enterro

As sociabilidades se convertem em bloco politico tão logo entra em cena policial ou brigadiano O cliente truculento e outro elemento aglutinador capaz de juntar as mulheres numa frente comum costurada de indignação e deboche Para traduzir este clima vale a pena transcrever um trecho de nosso diario

Eramos três ou quatro quarentonas metidas em fofocas sobre amor e paixão Cada uma tinha uma historia sobre os homens de sua vida Em um caso foi um *freguês* (Era guarda aqui do museu - tu sabes eu não resisto a um uniforme!) Em outro foi o proprio marido que depois de 12 anos fora morar com outra No meio de tudo passou um jovem musculoso e Marlene ruiva sempre a mais ebuliente do grupo fez que ia desmaiar de êxtase Que gato! Olha a bundinha!

A estas alturas um homem aparentando 25 anos fez sinal para Marlene se aproximar Como de costume ela saiu do circulo sem comentarios e sentou no banco

²⁵ Quem imagina que so prostitutas quarentonas se atrevem a brincar sobre assuntos de sexo deve ler a pesquisa de Flavia Motta sobre idosas frequentadoras de um clube da LBA em Porto Alegre. A linguagem da jocosidade aborda especialmente (temas tais como) sexo, corpo e certos talentos femininos. Embora essa jocosidade maliciosa esteja a cargo das mais fatantes e extrovertidas, o grupo como um todo participa () permanentemente. A banalidade entre elas encontra certo grau de legitimidade e faz parte de suas praticas de sociabilidade. São piadas, gracejos, brincadeiras relacionadas a coisas sexuais e usando uma linguagem considerada de baixo calão em círculos mais austeros. Ver MOTT, Flavia de Mattos. Bem Mulherzinha: o sexo, o corpo e a relação homem/mulher entre mulheres na velhice. *Cotidiano e Gênero: Cadernos de Antropologia*, n.3, PPGAS-UFRGS, 1991, p.26.

²⁶ Vi uma vez Mariza, uma das mais prosperas profissionais de rua, falando sobre a prostituição para uma plateia leiga. Um estudante de Psicologia fazia perguntas persistentes sobre trauma infantil, procurando alguma explicação por esta escolha ocupacional. Mariza, veterana de muitas entrevistas, retornou a interogação contra o menino e seus fantasmas sexuais antes de terminar com uma simples pergunta: Com qual outra profissão vou manter o estilo de vida que tenho, trocar de carro todo ano e pagar a conta do telefone?

com o freguês para chegarem a um acordo. Mas ele logo foi embora. Perguntei: O que aconteceu? E ela, dando de ombros, respondeu: Ele queria malandragem. Vendo minha perplexidade, ela acrescentou: Ele disse (*ela faz voz grossa, dramática*): Quero comer teu cu! Com isso, as outras mulheres caíram na gargalhada e Marlene, encorajada pela plateia, foi elaborando detalhes. Ele disse que o troço dele tinha 20 cm (*Mais risadas*). E eu disse: pode ter 35 ou 40 ou 15, não faz diferença nenhuma! Então ele foi embora, mas xingando: Tu não quer ganhar dinheiro mesmo. Vai te foder. ²⁵¹ (Diário de campo, 18/1/95)

No processo de barganha com seus clientes, a mulher da praça não está sozinha. Atrás dela, tem uma comunidade moral pronta para lhe dar razão nos seus enfrentamentos com polícia ou cliente. Mas existe ainda outro adversário masculino que inspira alianças femininas: o marido. Ao que tudo indica, este cioso de seu controle sobre a mulher, teme muito mais a influência da sociabilidade feminina do que a da *freguesia* masculina. Uma das poucas mulheres que se mantinha regularmente afastada do grupo me confiou: Meu marido não gosta que eu fique conversando com as outras. Diz que só da zueira e vício. Zueira e vício são termos que sob outra luz, podiam ser traduzidos por irreverência e independência - qualidades que reforçadas pela solidariedade feminina, podem fazer a diferença entre cidadania e escravidão.

A prostituição como carreira

É uma profissão como qualquer outra. (Morgana durante uma reunião do NEP em que surgiu o tema da legalização da prostituição.)

É evidente que a prostituição, com seu *status* estigmatizado, alvo de repressão policial e censura pelo senso comum, não é uma profissão como qualquer outra. E também verdade que certa parcela das mulheres encontradas na praça não se considera, nem é considerada pelas outras, como sendo da batalha. Fazem da prostituição uma atividade quase artesanal, aparecendo na praça, só de vez em quando para ver se não pinta alguma coisa. É contudo, inegável que boa parte das mulheres mais velhas se vêem como *gurias* da batalha e vivem suas atividades como espécie de carreira.

Estou aqui para sustentar meus filhos (ou netos) e uma frase que ouvi muito no início da pesquisa. Passada esta fase de dar explicações para a pesquisadora, ²⁶ nunca mais houve referências a este tipo de desculpa. A entrada na profissão é contada pelo contrário, sem alarde. Linda diz ter vivido desde 12 anos como menina

de rua caindo na batalha como meio de sobrevivência (As que começaram cedo - com 14 15 anos - declaram este fato ruidosamente como se a antiguidade fosse prova de um grau superior de profissionalismo) Outra oriunda da fronteira começou servindo bebidas na taverna de sua mãe Uma mulher camareira de hotel foi trazida para a rua por uma amiga que já ostentava os trofeus - roupa e dinheiro - da profissão Outra ainda começou sua carreira com 23 anos de idade depois de enviuvar e achar-se na incumbência de sustentar oito filhos Ninguém da nossa pequena amostra diz ter sido induzida a profissão contra sua vontade Certas delas podem ter começado por causa de necessidade econômica aguda mas tal fato foi raramente incorporado nas suas narrativas Evidentemente entre elas não sentem a necessidade de salientar um momento dramático de ruptura ou decadência para justificar a queda ²⁷

²⁷ Um dos únicos reconhecimentos implícitos do estigma ligado ao *metiê* e o fato de nenhuma mãe muito menos filha ter sido descrita como colega Esta profissão é apresentada como escolha individual não familiar

Uma vez engajadas na profissão as *gurias da batalha* têm que assegurar - venha chuva ou frio - uma certa regularidade no ponto Quando chove ficam aglomeradas debaixo das marquises ou sentadas na escada do banco estadual frente aos prédios que cercam a praça (So as mais corajosas ficam rodando as sombrinhas no meio da calçada) Perder uma tarde - por causa de doença ou outro impedimento - significa não somente uma diária a menos Pode significar uma redução permanente de renda pois os homens são pouco fiéis Denise contou com grande magoa como perdera um cliente de mais de quatro anos Os dias 15 e 30 de cada mês logo depois de receber seu contracheque ele vinha procura-la sempre em torno das 17h00 Mas na última semana Denise tinha levado seu filho de 12 anos ao dentista e por isso atrasou Sua vizinha (que tem ponto na frente do de Denise) não hesitou Foi se aproximando puxando assunto e acabou levando o pretendente de sua rival para o hotel A partir daquele dia ele mudou de mãos Denise nunca mais fez programa com ele (*Nem quis!*)²⁸

²⁸ As batidas policiais incomodam porque tiram as mulheres de circulação Apesar de conhecer seus direitos muitas vezes a prostituta prefere pagar (fiança ou multa) antes de enfrentar horas de burocracia na delegacia rompendo seu ritmo de trabalho perdendo clientes

A única ausência justificada é motivada por viagens Como em muitas outras profissões (restauração turismo etc) a mobilidade geográfica e endêmica Quando o movimento na praça esta ruim qualquer evento - a chegada dum navio a abertura de uma grande exposição o fluxo de turistas para a praia - basta para incentivar migrações As mulheres mais velhas mais envolvidas nos seus papéis de mãe e esposa têm contudo dificuldade em se mudar para outras cidades Neste caso agilizam outras táticas para completar sua renda

Praticamente todas as mulheres já experimentaram outro tipo de emprego não somente antes mas durante sua carreira de prostituta Muitas vezes a instabilidade da

²⁹ Aparecem atitudes semelhantes entre mulheres pesquisadas no livro *Muchacha Cachifa Criada Empleada Empregadinha Sirvienta y mas nada* CHANEY Elsa M e CASTRO Mary G (org.) Caracas Editorial Nueva Sociedad 1993

³⁰ Este mercado tem mudado recentemente de perfil. Aumentaram os trabalhos femininos no setor formal, diminuiu-se a proporção empregada em serviços domésticos (ver BRUSCHINI Cristina O Trabalho da Mulher Brasileira nas Décadas Recentes *Revista Estudos Feministas* número especial 2 semestre 1994 179-199). A remuneração de serviços pessoais (faxineira empregada doméstica) tem subido. É possível que em função dessas mudanças venha a haver uma redução de mulheres trabalhando no baixo meretrício.

³¹ Nos como Mazzariol em Campinas, constatamos que as negras são sub-representadas entre as prostitutas. Questão de moralidade mais estrita entre mulheres de cor? Ou questão mais uma vez da exigência de uma boa aparência que afasta as negras de empregos mais lucrativos?

³² GILFOYLE Timothy J. *City of Eros: New York City prostitution and the commercialization of sex 1790-1920*. Nova Iorque W W Norton & Co. 1992 p 69 (tradução por C F.)

³³ *Ibid* p 67. Mais perto de casa o estudo de Donna Guy sobre *El sexo peligroso: la prostitución legal en Buenos Aires 1875-1955* (Buenos Aires Editorial Sudamericana 1994) fornece uma viagem semelhante

cliente obriga-as a acionar simultaneamente diversas tarefas para ganhar a vida. Algumas como Aracy são revendedoras, outras como evidenciado pelo cartão distribuído por uma das mulheres, pautam serviços especializados: Conserto de panela de pressão - fogão a gás e outros aparelhos (segue o nome completo e endereço em Guaíba a 20 km de Porto Alegre).

A prostituição, com seu horário sumamente flexível, não exclui empregos assalariados. Vera Lucia, por exemplo, tem carteira assinada em uma firma de limpeza, trabalha em banco das sete ao meio dia. Depois, trazendo a roupa que carrega na sua sacola, sai de tarde para a praça. Mas viver so de salário? Nem brinca! Como falou Morgana numa entrevista televisada: Já trabalhei como balconista em lanchonete - com aquilo que ganhava não dava nem para alimentar meus cachorros!

A alternativa mais comum é o serviço doméstico em casa de família - mas esta atividade - classicamente acionada por mulheres do baixo meretrício e quase sempre apresentada em termos pejorativos. A dona queria me fazer de escrava. Tinha que lavar três trouxas de roupa e cuidar de um punhado de crianças, lá ganhar em um mês o que ganho aqui (na praça) em três dias. Não fiquei com ela nem uma semana! E sempre que alguém aceita trabalhar neste ramo, aí sim surge alguma justificativa. Vou para a praia ver se não arrumo umas faxinas - só até passar a crise, até o movimento aqui na praça melhorar. ²⁹

A verdade é que, no mercado atual de emprego, ³⁰ as alternativas abertas a mulheres com origem humilde e baixo nível de escolaridade não são particularmente atraentes. Historiadores e antropólogos têm demonstrado repetidamente que, para a mulher jovem e bonita em tais circunstâncias, a prostituição soa como opção nada desprezível. ³¹ Por exemplo, Gilfoyle, no seu estudo de Nova Iorque, novecentista, descreve inúmeros casos de meninas que fugiram de casa, desafiando seus familiares para entrar na prostituição. Citando o exemplo de meninas que vendiam sua virgindade por US\$50, sugere que (e) em um mercado de emprego que oferecia a meninas adolescentes rendas minguadas de US\$35 a US\$50 por ano, a ideia de um tal rendimento por sua mocidade podia ser muito persuasiva. ³² Insistindo que salários baixos e instáveis levavam costureiras, floristas e camareiras a recorrerem episodicamente a prostituição, este autor alega que, durante o século passado, entre 5 e 10% de todas as nova-iorquinas entre 15 e 30 anos tinham se prostituído em algum momento. Para a mãe viúva, o artesão desempregado e o imigrante pobre, prostituição não era uma violação da retidão moral, mas sim um elemento indispensável da economia familiar. ³³

A noção de carreira presente em particular na literatura norte-americana serve para combater o misérabilismo que tantas vezes assola a pesquisa sobre prostituição. Neste vies a mulher é vista como uma espécie de empresária que fez uma avaliação realista das oportunidades econômicas abertas a ela. No que diz respeito a nossa pesquisa não há dúvida de que a maioria das mulheres da praça se considera profissional. Contudo a ideia de carreira implica um espírito individualista e empresarial³⁴ que talvez não seja típico do *ethos* deste grupo.

Nas minhas pesquisas nos morros porto-alegrenses nunca achei uma menina que estivesse pensando seu emprego como eixo de um projeto de realização pessoal. De secretária a empregada doméstica de professora primária a balconista as ocupações femininas são subordinadas a trajetória da mulher enquanto noiva, mulher e mãe. Arrisco a hipótese de que entre as mulheres da praça a situação não é muito diferente.

A outra carreira: ser mãe e mulher

Não se fala normalmente de maridos na literatura sobre prostitutas. Prostituta diz o senso comum não tem marido, tem gigolô. Parece quase sacrilégio aproximar uma noção a outra. Mas depois de um ano, na quadra, tenho minhas dúvidas. O que dizer, por exemplo, de um casal como Nino e Mariza que vivem junto há mais de dez anos. A festa de aniversário na casa deles revelou um casal bem integrado nas redes familiares. A casa estava cheia de parentes - irmãos e sobrinhos - que se revezavam entre o jogo de dorminhoco na mesa de jantar, um filme de Van Damme no vídeo e futebol na frente de casa. Uma das sobrinhas tinha vindo com seu namorado. O burburinho da festa era indistinguível do de qualquer outra casa até que uma das convidadas, amiga da Associação de Prostitutas, falou em distribuição de camisinhas. O silêncio súbito do grupo indicava que aquele assunto estava aí, fora de lugar. Explicaram depois que todo mundo da família sabia das atividades profissionais do casal, mas não vazavam a notícia sem preparo. Por exemplo, o namorado da sobrinha.

Durante o trabalho etnográfico, conheci uma zona onde os homens correspondiam a minha ideia de gigolô. Em uma rua perto da rodoviária, a regra é quatro ou cinco meninas - majoritariamente jovens (entre 15 e 20 anos) - trabalharem para o mesmo homem. Este, além de se gabar do tamanho de sua empresa, parece mandar nas suas empregadas com uma mão de ferro - obrigando-as a praticamente bater ponto e outorgando-lhes raros dias de folga. A "zona 2" onde trabalha Mariza é diferente. Bem articuladas, estas mulheres cobram caro.

³⁴ O *Novo Dicionário Aurélio* define carreira como modo de vida, profissão e no caso da carreira diplomática como uma ordenação de postos. O *Webster* de língua inglesa fala em termos mais positivos: progresso na vida, avanço numa determinada vocação.

³⁵ Antes da fundação do GAPA em 1989 a policia fazia batidas periodicas entre prostitutas da rua Era nessa epoca quase indispensavel a mulher ter um gigolo para pagar fiança e sofla la da cadeia Nos ultimos anos uma serie de ONG s (NEP GAPA) junto com os Conselhos de Mulher no nivel estadual e municipal tem exercido uma influencia importante de forma que hoje a violencia policial seja bastante contida

³⁶ Pesquisas entre mulheres de bairros trabalhadores mostraram que a pratica de dar e pegar filhos não e restrita a mulheres da prostituição Para uma análise da circulação de crianças enquanto dinamica familiar em grupos populares veja FONSECA Claudia *Caminhos da Adoção* Sao Paulo Cortez 1995

³⁷ É obviamente arriscado descrever maridos e companheiros que nunca vi A rua e um lugar de fabulação Longe dos olhos de filhos e familiares as pessoas podem usar este espaço de liberdade para inventar passados e mesmo presentes que correspondem mais a vida que gostariam de ter do que aquela que tem Mando e teoricamente um item de prestígio que poderia ser inventado Mas as historias que me foram contadas eram frequentemente tao queixosas sobre maridos tao pouco ideais que acabei sendo convencida de sua veracidade Ainda mais lidava com mulheres que se conhecem ha tempo e que falam umas das outras Assim era possivel corroborar dados e acrescentar detalhes a historias individuais

³⁸ Ver por exemplo SARTI Cynthia *Reciprocidade e Hierarquia relações de*

por cada programa (em torno de meio salario minimo) Todas vivem com um parceiro que ajuda a cuidar de uma maneira ou outra do negocio familiar³⁵ (Ao nos apresentar seu companheiro pela primeira vez Mariza deu uma piscadela Permita-me apresentar meu empresario) Em geral não têm filhos mas ostentam grande estabilidade nas suas vidas conjugais (com duração de 12 14 17 anos) ao mesmo tempo que parecem pouco submissas aos seus companheiros São alias estas mulheres que mais animam e garantem a continuidade da associação profissional proposta por NEP Considerando seu estilo de vida - telefone celular carro de ano - a prostituição neste caso pode ser pensada como uma carreira isto e uma via de ascensão econômica planejada a longo prazo

Na praça central entre as prostitutas mais velhas foco da minha pesquisa de campo a situação e ainda outra Aqui a vida familiar parece com a de muitas outras donas-de-casa dos grupos populares Quase todas as mulheres são mães boa parte e avo Meia duzia diz ter deixado um filho com a avo (geralmente matema) para criar Porem mais do que a metade esta vivendo com parte ou toda sua prole e varias ja pegaram filhos adotivos para criar³⁶

Entre as entrevistadas havia mais casadas do que solteiras Cerca da metade delas mencionou um companheiro fixo com quem coabita em um arranjo domestico em geral monogâmico e que elas denominam marido Este tem via de regra uma historia de emprego irregular igual a de muitos homens das classes trabalhadoras consegue um bico durante alguns meses (como pedreiro empreiteiro de obras vigilante camelô ou pintor) depois folga alguns meses Em um ou dois casos as mulheres alegam que seus maridos não sabem das suas atividades Nos outros entende-se que a renda feminina e implicitamente aceita sendo o principal sustento da casa Em todo caso trata-se de relações conjugais relativamente estaveis chegando facilmente a dez ou doze anos e envolvendo filhos³⁷

A queixa das mulheres contra seus maridos não difere muito da de mulheres descritas na literatura sobre classes populares em geral³⁸ Ele bebe Ele não bota **nada** dentro de casa Ando suspeitando que ele tem outra E ainda Sabe o que e quando depois de 18 anos tu não sentes mais nada por um homem? Estou com ele so por causa das crianças! Da mesma forma as expectativas e elogios não diferem muito dos de mulheres em outras profissões Os maridos são companheiros com os quais assistem a televisão em casa fazem churrasco no domingo organizam festas familiares planejam o futuro (Estamos pensando em montar uma venda) e criam seus filhos

gênero na periferia de São Paulo. *Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas* 70 38 46 1989 DUARTE L.F. Pouca Vergonha Muita Vergonha: sexo e moralidade entre as classes trabalhadoras urbanas. In LOPES J.S.L. (coord.) *Cultura e Identidade Operária*: aspectos da cultura da classe trabalhadora. Rio de Janeiro: UFRJ Proed 1987.

Falar de marido significa não somente ter filhos em comum, significa também uma relação de exclusividade afetiva. Uma das coisas que mais estranhei no campo foi ouvir as mulheres falarem de traição conjugal. Marlene, ao contar da paixão que sentira por um de seus fregueses, suscitou a indignação de sua colega: Tu quer dizer que estavas colocando guampas no teu marido? E Rosana, para me explicar por que vivia com medo de engravidar de seu marido, disse: Se eu pedir para ele usar camisinha, ele vai pensar que tenho **outro** na rua. Seus maridos sabem muito bem como elas ganham a vida, mas freguês não é caso. Para as mulheres da praça, o freguês implica uma relação que não dura dez minutos. Teoricamente, não envolve conversa nem outros preliminares além da barganha quanto ao preço e serviços. É um arranjo que corresponde de perto à ideia de mal necessário, promovida por médicos durante o século XIX em que, para os homens, o ato sexual seria uma questão basicamente fisiológica. Na realidade, a profissional que se preza cultiva seu cliente, tenta estabelecer um laço de afetividade a ponto de ele se tornar freguês. Mas é subentendido que a relação só dura enquanto for paga. A relação de marido/mulher, por outro lado, é marcada pelo **não-pagamento**.

Para melhor entender o lugar do marido nesta história, é preciso examinar uma última categoria de parceiro masculino: o **velho**. Dir-se-ia que o ideal de todas as mulheres é ter um velho que me ajude, isto é, um cliente que se torna freguês, fornecendo, além de pagamento regular, um amplo leque de presentes. Estes variam de uma cesta básica até secadoras de roupa, viagens e eventualmente casa. O velho não se confunde com marido. Trata-se de um tipo de *otário* que nutre a ilusão de ser único ou pelo menos privilegiado no que diz respeito aos afetos da mulher. Por exemplo, quando Maria se queixou de que não ganhava de seu velho a metade dos presentes que sua amiga ganhava, esta prontamente achou a explicação: Mas o teu sabe que tu tens marido.

O **velho** é uma figura que não somente deve ser enganado, deve ser também explorado. As mulheres comemoram com admiração sobre suas colegas que enriqueceram desta maneira, e se gabam de suas próprias conquistas.

O primeiro - fiquei seis anos com ele. Ele era bem rico, me comprou casa, tudo. Mas a família dele ficou cuidando para eu não engravidar. Quando ele morreu, a casa ficou para mim, mas não ganhei pensão. A pensão ficou para a mulher dele. (Diário de campo 11/11/94)

E embora possam existir laços de afeto e respeito mútuos, a atitude pública em relação ao velho beira o desprezo.

Diva, uma figura imponente - que, com seu *collant* saltô alto e mini-saia, parece uma *teenager* de

50 anos - abre sua roda de conversa para me incluir Linda já o vê de longe e anuncia Diva - e para ti Olho e vejo um senhor franzino um bone de lã xadrez mal tapando seus cabelos brancos Ele vem chegando devagar devagar Esta de casacão com mãos no bolso para se proteger contra o frio Diva sem parar o ritmo de seu discurso lança um comando na direção dele Espera um pouco não viu que estou conversando? As mulheres começam a rir - impossível o homem não saber que estão gozando da cara dele mas ele paciente espera ³⁹ (Diário de campo 14/4/95)

³⁹ Alguns dias depois Diva contou orgulhosamente que seu velho a tinha levado no GBOEX para colocar sua pensão em nome dela O tenente olhou para mim e perguntou O senhor sabe o que esta fazendo? E o velho respondeu Sei muito bem!

É interessante notar que a figura do velho também aparece no discurso de não prostitutas Durante pesquisas anteriores em famílias de bairros populares pude observar que a ideia de enriquecimento pelo casamento - o golpe do bau - permeia o imaginário sobre relações homem/mulher É uma estratégia discretamente esperada da menina/moça (a virgindade como dote) e assunto de acusação jocosa contra o homem que se envolve com uma mulher mais velha Porém e na brincadeira com mulheres viúvas e descasadas que se encontram as referências mais explícitas Vide a cena que transcrevi de uma visita ao bairro

⁴⁰ FONSECA C *Crime Corps Drame et Humour famille et vie quotidienne dans la culture populaire bresilienne* Tese de Doutorado de Estado em Etnologia Université de Nanterre 1993 p 238 Veja também BOFF Adriane *O Namoro Esta no Ar na Onda do Outro* um olhar sobre os afetos em grupos populares Dissertação de Mestrado em Antropologia Social UFRGS 1994 Nesta pesquisa sobre mulheres descasadas entre 40 e 50 anos que procuram através da emissora radiofônica um companheiro a autora mostra que arranjar um velho e um objetivo feminino nao somente com um mas abertamente declarado

Bete se queixa de não poder guardar seus filhos junto a ela Eles foram viver com o pai deles e sua nova mulher Se ficassem comigo iam morrer de fome Sua vizinha oferece uma sugestão Por que tu não arruma um velho? Ia resolver tudo A qual Bete responde Não consegui um velho nem quando tinha 15 anos como vou conseguir agora que tenho 30 ⁴⁰?

A relação das mulheres da praça com seus maridos não surgem do nada Suas noções sobre marido e mulher se remetem a um conjunto de valores compartilhados por seus vizinhos nos bairros populares Nestes segundo a maioria de pesquisadores a relação conjugal e regida por um contrato de reciprocidade - um pacto tacito segundo o qual o homem fornece o sustento da casa em troca da exclusividade dos favores sexuais de sua esposa Mas a presença neste meio de um contingente não negligenciavel de mulheres na prostituição não deixa de ter uma influência sobre a construção da norma Por um lado a ideia da prostituição (inversão total do pacto) serve para estigmatizar comportamentos desviantes e assim reforçar a norma (Qualquer homem sustentado por sua esposa arrisca ser taxado de gigolô que colocou sua mulher na batalha ⁴¹) Por outro vemos que ate dentro do casal da prostituta ha espaço para a negociação das identidades de marido e mulher Vide o seguinte trecho de meu diário de campo

⁴¹ Ver FONSECA Claudia *Aliados e inimigos em Família o conflito entre consanguíneos e afins em uma vila porto alegre* *Revista Brasileira de Ciências Sociais* no 4 vol 2 88 104 1987

Ja conhecia Denise algum tempo quando um dia ela se meteu a falar do marido Acho que posso falar

para ti agora. E que no início a gente nunca sabe. Tu podia ser da polícia. Moro com um cara quatorze anos. É pai do meu guri.

Não pude me conter, fiz a pergunta indiscreta: Ele trabalha? E ela: Não. Algumas pessoas dizem que ele é gigolô, mas eu não vejo assim. Trabalho quando quero, onde quero. Seis anos atrás, quando me operaram da bacia, ele segurou minha bronca. Fiquei três meses parada e não faltou nada em casa. A gente se ajuda. (Diário de campo, 11/2/95)

A reciprocidade está aí, assim como a co-residência e o filho em comum. Em muitos aspectos, o discurso de Denise parece com o de outras mulheres não-prostitutas que conheci em pesquisas anteriores. Experimentam uma mesma realidade contextual em que poucos homens conseguem um emprego bastante regular e bem-pago para realizar o modelo ideal. Na vivência do dia-a-dia, coloca-se em ação uma estrutura performativa⁴² em que os valores são reatualizados, onde o companheiro continua sendo um marido, apesar de não se conformar a definição ortodoxa.

Ao recusar a análise que encara prostitutas como uma categoria à parte, ao optar por uma perspectiva que enfoca a interação entre sua realidade e a do grupo maior do qual fazem parte, somos levados inevitavelmente a aprofundar nossa reflexão sobre a relação conjugal em grupos populares. Vemos então que o pacto de reciprocidade conjugal se constrói na tensão constante - a sombra da ameaça de um desequilíbrio a favor de um cônjuge ou do outro. Colocado de outra forma, e na zona movediça entre gigolô e velho, entre quem explora e quem é explorado, que um marido tem de se movimentar

Pensando a Previdência

Na literatura sociológica sobre carreiras, fala-se muito da entrada e avanço na profissão, fala-se pouco do fim da carreira ou da saída dela. Essa tendência é exacerbada no estudo da prostituição por causa do mito da morte precoce - a crença de que prostitutas mergulham na decadência de tal forma que não sobrevivem além dos trinta anos. O historiador Joel Best⁴³, em seu artigo sobre bordéis de Minnesota no final do último século (1865-1883), confronta este mito. Lembra que não existem registros sobre ex-prostitutas. O material disponível, policial e jornalístico, é quase sempre sobre prostitutas ativas. Os reformadores completam este material com depoimentos profundos por ex-prostitutas amargamente arrependidas. No entanto, as que **não** se arrependeram, as cujos destinos diluíram-se na massa anônima, evidentemente, não merecem destaque.

⁴² Ver SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

⁴³ BEST, Joel. *Careers in Brothel Prostitution, St. Paul, 1865-1883*. *Journal of Interdisciplinary History*, XII, 4, 1982.

Com um extraordinário trabalho de detetive Best consegue reconstruir a trajetória de quarenta cafetinas e 89 prostitutas descobrindo que aproximadamente 10% usaram esta profissão como via de ascensão econômica. A título de exemplo, o autor cita o caso de uma cafetina que comprou inúmeros lotes urbanos virando uma poderosa agente imobiliária. Ele reconhece que, segundo artigos nos jornais da época, certas mulheres tiveram um destino conforme o estereótipo negativo - morreram precocemente de doença ou assassinato. Porém, Best sugere que a maioria seguiu um caminho pouco dramático entre a degenerescência e o sucesso retumbante.

Apesar de haver muita diversidade entre elas, as carreiras das prostitutas tendiam a trilhar caminhos parecidos. Cafetinas e empregadas de bordéis exerciam um papel ativo na confecção de suas carreiras: entraram no vício tipicamente porque este oferecia renda mais alta e independência maior do que outros empregos que lhes estavam abertos; procuravam boas oportunidades mudando constantemente de lugar; algumas prostitutas tornaram-se empresárias abrindo seus próprios bordéis e daquelas cujos destinos são conhecidos existem tantas que voltaram para a vida respeitável através da aposentadoria, do casamento ou da recuperação quanto as que morreram cedo.⁴⁴

⁴⁴ Ibid. p. 618 (tradução por CF)

Best tem em comum com a maioria de pesquisadores a ideia de que a meretriz não permanece na profissão depois de certa idade. Frisando que as prostitutas dos arquivos policiais tinham entre 16 e 30 (com mediana de 22) e que as cafetinas tinham entre 20 e 40 anos (com uma mediana de 28), deduz que

Mesmo se as mulheres mentiam (*quanto a sua idade*) não podiam esperar continuar muito tempo nesta profissão, com cada ano elas ficavam menos atraentes com menos apelo no mercado competitivo.⁴⁵

⁴⁵ Ibid. p. 615

Os raros levantamentos sobre a idade de prostitutas no Brasil também mostram uma população jovem. Via de regra, menos de um terço das profissionais teriam mais de trinta anos; as com mais de 45 anos constituiriam apenas 5% do total.⁴⁶ Este tipo de dado, entretanto, não é inteiramente confiável. Podemos aventar a hipótese de que as mulheres mais velhas sempre existiram e ainda constituem uma parte importante da prostituição, mas tal fato não aparece nas estatísticas, seja porque, sendo mais experientes, elas têm habilidade em se esquivar ao controle policial, seja porque os policiais e reformadores não as acham dignas de atenção. Em todo caso, tendo sido confrontada durante minha pesquisa de campo a um bom número de prostitutas de 40 anos para cima, cheguei à conclusão de que nem todas as mulheres desistem da carreira com o avanço dos anos. Já que a

⁴⁶ Ver MATTOS, L. op. cit. BACELAR, op. cit.

prostituta como qualquer outra mulher envelhece permanece a pergunta Qual seu destino na velhice?

Temos a nítida impressão de que as mulheres mais velhas não ganham bem sua vida Em 1995 vivem um estado de penúria que parece amedrontá-las mais ainda do que a lembrança de batidas policiais Há uma queixa quase diária da crise da clientela Aquelas que estão mais tempo na rua evocam nas suas lembranças uma época áurea em que o dinheiro e fregueses rolavam soltos Tecem teorias uma ciência nativa para explicar a mudança seria por causa do medo generalizado de violência (os clientes acham que vão ser assaltados) ou da crise econômica (atualmente o trabalhador não possui o mínimo necessário para pagar um programa) Contudo as explicações para a escassez de clientela que a mim parecem as mais evidentes - AIDS e velhice - são aqui não-ditos⁴⁷

⁴⁷ Sandra Azeredo relatou um mesmo silêncio sobre o problema de AIDS entre prostitutas em Belo Horizonte na sua participação da mesa Sexo como Arma e Corpo como Alvo assédio sexual prostituição e crimes sexuais *Seminário Internacional Feminino e Masculino Igualdade e diferença na justiça* Themis Assessoria Jurídica e Estudos de Gênero Porto Alegre 5-7 de julho 1995

Seria absurdo dizer que o envelhecimento não seja uma preocupação para as mulheres da batalha A quantidade de conselhos que eu recebi para o combate aos sinais de envelhecimento no meu próprio corpo (rugas cabelos brancos) e neste respeito reveladora Entretanto a relação entre velhice e falta de freguesia não aparece Diversas vezes eu arrisquei a hipótese de que minhas interlocutoras não trabalhavam em boates (onde o preço de um programa é bem mais alto) porque estes espaços eram ocupados por *gurias* mais moças Cada vez elas me corrigiam Não não trabalho em boate porque não quero Lá rola uma história de drogas Tem que passar a noite inteira bebendo Uma vez durante uma reunião do NEP tentei levantar o assunto da velhice (menopausa aposentadoria) Apesar da presença de duas ou três mulheres acima de 50 anos o debate normalmente animado não andava Depois de muita espera uma ou outra mulher deu palpite Sandra falou de um cliente que rejeitou seus avanços chamando ela de velha Meia hora depois ele estava lá gritando que a moça que subiu com ele tinha roubado tudo que tinha Ri da cara dele Linda se queixou de que quanto mais velha mais tempo a mulher tem que gastar esquentando os ouvidos antes de subir para o quarto com ele Entre grandes gargalhadas alguém imitou os homens cujos olhos saltam das orbitas quando passa uma jovem bonita Mas a conversa parou nisso e o tema não voltou

A evitação frente ao fator velhice na vida profissional pode ser explicada através de considerações psicológicas ignoramos aquilo que mais dói Todos os outros inconvenientes do metiê empalidecem ao lado do espectro da falta de clientes Passar oito horas a espera do freguês que não vem é um pesadelo que assombra cada membro da comunidade - um pesadelo que ao que tudo indica vai se aproximando da realidade com

cada ano Mas a falta de previdência - a relutância em poupar dinheiro de planejar em função das limitações profissionais que trazem a velhice - e também ligada a fatores contextuais

Historadores trabalhando sobre o século XIX mostraram quão difícil foi a introdução de uma nova concepção de tempo industrial entre classes trabalhadoras na Inglaterra e nos Estados Unidos O respeito por horários disciplinados projetos a longo prazo noções de poupança e previdência não foram imediatamente acertados Pelo contrário para as classes trabalhadoras perceberem o interesse destas inovações foi preciso acionar táticas sedutoras que redundassem em benefício real⁴⁸

Sugiro que para as prostitutas da praça integrantes de grupos que não foram atingidos por essas táticas sedutoras as noções de projeto profissional e previdência são problemáticas Comenta-se a imprevidência em tom de crítica Eu já ganhei muito dinheiro Hoje seria rica se não tivesse jogado tudo fora em drogas e bebida Uma ou outra mulher pretende estar pagando INPS como costureira para garantir uma aposentadoria eventual Mas o fato de que elas continuam batalhando e de certa forma prova de que não souberam administrar sua renda de forma a garantir um descanso na velhice

As mulheres da praça não estão sozinhas No Brasil contemporâneo muitas trabalhadoras mesmo as em empregos regulares - não investem nas suas carreiras profissionais como projeto de ascensão A noção de carreira implica estratégias calculadas - projetos planejados - a longo prazo Implica uma certa percepção da continuidade de tempo de fé na linearidade de causa e consequência - percepções que especialmente nos grupos onde rege a instabilidade generalizada de emprego moradia e saúde não são de forma alguma evidentes As pessoas acabam portanto apostando em outros mecanismos - o apoio de filhos por exemplo - para lhes garantir alguma proteção durante os anos pós-produtivos Travam estratégias coerentes com os valores do grupo⁴⁹ e uma percepção particular de tempo fundamentada em condições concretas de vida

Voltamos agora a pergunta o que fazem as mulheres da praça para garantir seu futuro? Já que no Brasil não há reconhecimento legal da profissão as prostitutas não podem esperar ter um plano oficial de aposentadoria⁵⁰ Lurdes uma das nossas informantes discorre sobre as possíveis alternativas

Sinto pena dessas mulheres por aí Devem pensar nelas botar dinheiro de lado ou comprar uma casa em vez de jogar tudo fora com seus gigolôs Olha a Marlene - ela e uma que consegue fazer bastante dinheiro porque - oh (*faz gesto com mão*) - ela e muito malandra mas

⁴⁸ GUTMAN Herbert *Work Culture and Society in Industrializing America* essays in American working class and social history Nova Iorque Vintage Books 1976 THOMPSON E.P. *Time Work Discipline and Industrial Capitalism Past and Present* 38 56 97 1967 DONZELOT Jacques *A Policia das Famílias* Rio de Janeiro Graal 1977

⁴⁹ Essa tese foi desenvolvida em outros artigos (ver por exemplo FONSECA C Trabalho e Cotidiano o que condiciona o quê? *Estudos Econômicos (USP)* V 22 25-47 1992 Limitamo nos aqui a dizer que num contexto onde as dinâmicas sociais são regidas pelo valor da reciprocidade a ideia da poupança soa estranha Sendo uma estratégia individualista de enriquecimento rompe com formas tradicionais de sociabilidade

⁵⁰ Soubermos de fontes jornalísticas que no final de 1995 a Associação Uruguaia de Meretrizes conquistou para sua categoria o direito a aposentadoria

pensa bem. Daqui cinco anos ela não vai poder continuar vindo para cá. E o que vai ser dela? Ela tinha que fazer como eu arrumar um velhinho. (Diário de campo 11/11/94)

Lurdes, como sua amiga Marlene, tem 43 anos, sozinha, que esta última mora há onze anos com um homem que não trabalha e vive às custas dela. Este não é gigolô pois sem aparecer na praça, ele não controla as atividades de Marlene, nem fornece proteção. É marido Velho em compensação, e quem sustenta sua mulher. Lurdes orgulha-se de estar vivendo com seu segundo velho. Tenho sorte, diz Lurdes. Não gosto de garotão vou com a cara dos velhinhos. É irônico que, nesta conjuntura, as mulheres precavidadas sejam as que evoluem de gigolô a marido, de marido a velho. São essas que param de ser bobas e se arrumam na vida. Em outras palavras, **arranjar um velho** é um objetivo perfeitamente adequado à lógica do contexto, uma fática em que convergem as duas carreiras, familiar e profissional, para garantir alguma segurança na velhice.

Os meandros da subjetividade: o lugar que ocupamos

Lembrando que a análise de qualquer pesquisador depende do "lugar que ocupa nos conflitos de seu presente"⁵¹, cabe uma última observação sobre a natureza subjetiva de nosso recorte.

O sexo do pesquisador é um dos múltiplos fatores que compõem este **lugar**⁵². Por exemplo, é possível que pesquisadores masculinos atribuam mais importância do que as femininas ao papel do gigolô. Não é sem significância o fato de que, entre os autores que contribuíram para o livro de Lagenest, só o organizador (evidentemente, o único homem da coletânea) detém-se no assunto de homens exploradores. O que existe e o que todos os sociólogos de organizações políticas observam, e que ao lado de cada mulher, ao lado de cada prostituta, existe sempre a figura terrível do explorador profissional.⁵³ Arriscamos a hipótese de que, tendo dificuldade em ver a prostituta como sujeito, o autor acentua o papel de um **outro** que a induz à queda⁵⁴. Enquanto a mulher (especialmente a mulher pobre, prostituta) representa uma alteridade radical, o autor localiza seu semelhante - e seu adversário - na figura do gigolô.

Certamente em nenhum dos trabalhos acadêmicos da atualidade acharemos os vieses moralistas, as frases bombásticas de trinta anos atrás. Alias, todos estão hoje de acordo que o rufianismo no Brasil nunca chegou ao nível europeu. Contudo, entre pesquisadores homens, parece permanecer a necessidade de explicar a pouca força do gigolô. Bacelar, por exemplo, sugere que (no Maciel a) pobreza da prostituição e a sua

⁵¹ DE CERTEAU, Michel. A Operação Histórica. In: LE GOFF, Nora (ed.). *História: novos problemas*. RJ: Francisco Alves, 1979. p. 26.

⁵² Ver GROSSI, Miriam. Trabalho de Campo: território de fronteiras de gênero. *Fronteiras da Cultura* (C. Fonseca, org.). Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1993.

⁵³ LAGENEST, op. cit. p. 116.

⁵⁴ Ver também o livro quase etnográfico escrito por uma ex-delegada carioca, AGUIAR, Anesia Frot. *O Lenocínio como Problema Social no Brasil*. Rio de Janeiro, 1940.

⁵⁵ BACELAR op cit p 58

iminente extinção retratam-se na quase inexistência da figura do gigolô ⁵⁵ E Freitas não desvendando uma figura masculina significativa na vida das mulheres que pesquisou levanta a hipótese de que () a condição de prostituta dada a sua precariedade moral inviabiliza a negociação de um *status* afetivo satisfatório com clientes colegas e rufiões ⁵⁶ A ausência de um homem administrador deixa os pesquisadores perplexos procuram circunstâncias excepcionais para explicar como uma mulher independente pode organizar sua vida desta forma

⁵⁶ FREITAS op cit p 62

Se os homens tendem a analisar a prostituta em função da presença (ou ausência) do gigolô as pesquisadoras são mais facilmente levadas a pensar a mulher enquanto sujeito autônomo Por exemplo as autoras da coletânea de Lagenest (1960) na sua maioria assistentes sociais não são isentas de atitudes moralizantes mas tendem a fitar a degradação feminina antes do que a malvadez masculina E quando esta entra em pauta e mais provavelmente para lamentar a brutalidade policial do que a malandragem de um gigolô

As pesquisadoras contemporâneas vão ainda mais longe aventando a possibilidade de uma certa realização pessoal no trabalho A historiadora Margaret Rago reflete a feminização do pensamento acadêmico quando propõe uma revisão das concepções lombrosianas sobre o desejo feminino ora afirmando a absoluta ausência de tesão na mulher nascida natural e exclusivamente para a maternidade ora alardeando contra a existência de mistérios em sua sexualidade ⁵⁷ Longe de sublinhar a precariedade moral ou uma eventual baixa auto-estima das prostitutas antropólogas tais como Gaspar e Mazzariol ressaltam sua própria identificação com os sujeitos de pesquisa

⁵⁷ RAGO op cit p 10 11

As vezes eu não via diferença nenhuma entre estar no meio delas conversando em uma casa de prostituição ou estar em casa de qualquer uma de minhas amigas de família Jogávamos todas em um mesmo time mulher A diferença fundamental era o jogo entre ser sustentada por um ou varios homens ter uma situação legalizada ou se virar ⁵⁸

⁵⁸ MAZZARIOL op cit p 6 7
De forma significativa achamos algo deste tipo de identificação no trabalho de homens sobre profissionais masculinos Ver por exemplo SILVA Helio *Travesti a invenção do feminino* Rio de Janeiro Relume Dumara 1993 e PERLONGHER Nestor *O Negocio do Michê* prostituição viril em Sao Paulo São Paulo Brasiliense 1987

(Sera que não e essa identificação pesquisadora-pesquisada que leva a primeira a dispensar a insistência no papel masculino Ja que a propria pesquisadora não se vê com gigolô por que seu *alter-ego* teria necessariamente de atuar tal situação?)

E evidente que alem de qualquer identificação com seu objeto de estudos o sexo de um individuo tem grande influência sobre seu acesso a dados e situações de campo Homens presenciaram cenas que seriam vedadas a mulher e vice versa Em *Bordel Bordéis* por exemplo Freitas transita livremente pelos corredores das

zonas junto a uma enorme quantidade de (*outros*) homens. Duvido que uma pesquisadora tivesse tido a mesma inserção. Mas o *status* masculino pode também criar obstáculos. Consideramos, por exemplo, o trecho seguinte de meu diário de campo:

Quando de vez em quando o marido de Julia aparece na praça, ela faz um enorme esforço para disfarçar a identidade dele. Estava conversando com meu marido quando chegou um cliente. Ele logo se mandou. O cliente queria saber quem era, mas eu desconversei. Disse que era um cara que queria transar sem camisinha e mandei sair de perto.

Deduzimos, então, que a facilidade com a qual as mulheres falam conosco sobre suas vidas familiares, com que nos apresentam aos seus maridos e filhos quando aparecem na praça, não seria necessariamente a mesma frente a um pesquisador homem.

Ao fator gênero somamos uma última consideração - sobre idade. Nossos estereótipos fazem sempre das ninfetas seu objeto sexual. O termo *puta velha* tem impacto justamente porque, para o senso comum, há um descompasso entre uma palavra e outra. E certamente ninguém negaria a realidade de um mercado sexual que privilegia juventude e beleza⁵⁹. Assim, quando lancei mão de uma pesquisa sobre prostituição, jamais imaginei que fosse lidar com mulheres da minha idade. Entretanto, quarentona, fui gravitando em direção das mulheres que tinham mais em comum comigo. Descobri um grupo de prostitutas que, por serem mais velhas, casadas, com filhos e netos, também podiam fazer projeções em cima de mim. No jogo de espelhos entre eu e a outra, fui conhecendo minhas próprias ambivalências sobre temas como relações conjugais, previdência social e sexualidade na velhice.

No início, eu imaginava que as mulheres da praça fossem esconder sua idade e dissimular a profissão. Porém, a julgar pelas brincadeiras, fofocas e acusações entre colegas, elas não achavam estranho batalhar nem com 30, nem com 40, nem com 50 anos. Havia dissimulação, mas sobre outro assunto. Inventavam bordados e enfeitavam remendos para tapar sua roupa esburacada. Escondiam o endereço para ninguém ver as condições miseráveis em que moravam. Quando mentiam, mentiam para gabar-se de compras imaginárias. Conclui surpresa que se demonstravam vergonha não era da idade, nem da atividade profissional, mas da pobreza em que, por causa da idade e situação de classe, eram obrigadas a viver.

Na construção de objeto que esboçamos no início deste artigo, rejeitamos a perspectiva reducionista que define as prostitutas unicamente em termos de sua profissão. Elegemos um recorte que abrisse nossa visão

⁵⁹ Uma investigação que há de ser feita traçaria a evolução da prostituição juvenil. Sabemos que atualmente existe no Brasil um mercado enorme de crianças e adolescentes na prostituição. Será que constituem uma proporção maior do que em tempos anteriores? É sina da nossa época? O culto da juventude e a exploração da sexualidade infantil andam juntos? Ver DIMENSTEIN, Gilberto. *Meninas da Noite*: prostituição de meninas escravas no Brasil, 1992.

para outros elementos da vivência dessas mulheres - formas de sociabilidade relações conjugais preocupações maternas - experiências femininas que permitiam uma aproximação entre pesquisadora e pesquisadas. Porém para não descambar para o romantismo ingênuo a inter-subjetividade inerente neste tipo de pesquisa deve destacar além das semelhanças **as diferenças** historicamente batidas entre sujeito e objeto de pesquisa. Ao colocar uma ênfase na vergonha antes de tudo da pobreza as mulheres da praça demonstraram a especificidade de seu lugar na história - um lugar que além de gênero e idade define-se fundamentalmente por sua situação de classe.

**A REVISTA BRASILEIRA DE
CIÊNCIAS SOCIAIS (RBCS)**

existe desde 1986 e já se consolidou como o periódico mais importante na área de ciências sociais *stricto sensu*

Assinar a RBCS é estar em contato com os temas atuais e as pesquisas recentes realizadas na Antropologia, na Ciência Política e na Sociologia por pesquisadores do país e bons autores estrangeiros. É um espaço de encontro das inovações na reflexão e no discurso das ciências sociais em que a herança dos clássicos da teoria social é desafiada pelos problemas postos à pesquisa contemporânea

O BOLETIM INFORMATIVO E BIBLIOGRÁFICO (BIB)

e uma publicação semestral que já conta com 35 números que oferecem balanços criteriosos, elaborados pelos mais eminentes cientistas sociais, da bibliografia corrente sobre Antropologia, Ciência Política e Sociologia

Resumos das teses defendidas, perfis de programas de pós-graduação e centros de pesquisa apresentados a cada edição transformam o BIB em ponto de partida para a investigação e para o conhecimento das instituições voltadas para as ciências sociais

Assinatura anual da RBCS (3 edições)

Nacional	R\$ 25 00
Internacional	US\$ 60 00

Assinatura anual do BIB (2 edições)

Nacional	R\$ 20,00
Internacional	US\$ 50,00

Assinatura anual conjunta (RBCS e BIB)

Nacional	R\$ 35 00
Internacional	US\$ 90 00

Envie cheque nominal a ANPOCS

Av Prof Luciano Gualberto, 315 - Sala 116 - USP 05508-900 São Paulo SP
Tel (011) 818-4664 Fax (011) 818-5043

Nome _____

Endereço _____

Cidade _____ UF _____ Cep _____

Data _____ Tel _____